



## Nota de apresentação

O número 7 da revista *Espaços vividos, Espaços construídos: Estudos sobre a cidade*, o primeiro do ano de 2018, apresenta 6 artigos, nas áreas da Arquitetura, do Urbanismo e do Design; 2 artigos sobre práticas profissionais que testemunham experiências de um arquitecto e de uma designer e uma recensão crítica.

Pedro Abreu e Rita Ferreira analisam a questão da ontologia da arquitetura mostrando quer a sua importância, quer o seu papel secundário no âmbito da teoria da arquitetura. Os autores iniciam o artigo com uma pergunta formulada aos estudantes por Christopher Alexander aquando da acreditação de um curso de arquitetura: “Sabe qual a diferença entre um bom edifício e um mau edifício?” — e a partir dela geram toda uma argumentação no sentido de provar a necessidade de um maior conhecimento ontológico da arquitetura.

Passamos de uma visão da arquitetura para uma abordagem do urbanismo em que Diana Almeida e José Tenreiro nos alertam para a falta de intervenção nos espaços públicos exteriores à habitação nos conjuntos habitacionais de intervenção pública. Depois de indicarem algumas razões que ajudam a explicar esse fenómeno, os autores apresentam uma breve história das políticas de habitação pública no Porto, assim como da integração do estudo da paisagem na ideia mais recente de ordenamento do território e de qualidade ambiental. No final, tendo como pano de fundo os concelhos de Porto, Vila Nova de Gaia e Matosinhos, propõem uma série de soluções possíveis para a construção de espaços verdes junto à habitação de iniciativa pública.

No terceiro artigo Rita Filipe parte para uma reflexão sobre o design, defendendo a importância de um pensamento multidisciplinar. A autora analisa a importância para o design da teoria funcionalista, da cultura tradicional e vernacular da produção dos objectos, e das disciplinas de ciências sociais, especialmente a sociologia e a antropologia que permitem uma aproximação das práticas do quotidiano. A seguir, Leonor Ferrão leva-nos ao *atelier* de Achille Castiglioni, mostrando-nos o espaço onde trabalhou, os objectos que construiu, e as suas ideias sobre como projectar em design. Trata-se de um artigo que nos “abre o apetite”, no sentido de também nós querermos estar lá, viver, sentir, olhar, e tocar nos objectos do *atelier* museu. Os dois últimos

artigos têm como centro o espaço público. Sarah Dias defende a importância da arte urbana para a requalificação do espaço urbano, para a integração das populações e até para a criação de um novo sentido de comunidade. Começa por fazer uma breve história das transformações que a arte pública foi tendo ao longo do tempo, referindo depois uma série de exemplos de intervenções no espaço urbano que pretendem mostrar como as novas dimensões da arte pública conseguem de facto atingir esses objectivos. Rita Gomes analisa o caminho do eléctrico 28 em Lisboa, começando por fazer uma breve história do seu aparecimento e centrando-se depois no percurso actual. Para além do registo fotográfico, a autora utiliza o programa *Rhinoceros* para visualizar melhor o território adjacente que ainda é visível do eléctrico.

Sobre as “Práticas profissionais, Testemunhos e Experiências”, Fernando Bagulho desenvolve esse tema por demais caro à arquitetura que é o da interacção entre o cliente e o arquitecto na construção de uma casa. Nos termos do artigo, o arquitecto não imagina um projecto de uma casa, mas sim, uma história com dois actores: uma família burguesa que quer construir uma casa e o arquitecto que a irá construir. Como os leitores terão ocasião de ver, o processo não é fácil... Rita Filipe conta-nos a sua experiência na residência artística de Saint-Louis, no Senegal. O seu interesse pelo conhecimento de uma residência artística em África está ligado à sua postura de designer-antropóloga, dando uma grande importância ao trabalho de campo que lhe permite inserir-se no universo da cultura material local. Termina o seu artigo, utilizando a forma epistolar, com duas cartas escritas a amigos onde relata a experiência vivida.

Terminamos com a recensão de um ensaio de Zygmunt Bauman, sociólogo polaco, que morreu em Janeiro de 2017. Esta recensão é de certo modo uma homenagem ao grande pensador da sociedade contemporânea que foi Bauman. Escolhemos um livro, do qual existe tradução portuguesa, em que o autor problematiza a temática do medo ligado à “insegurança urbana”, analisando não só as respostas sociais e individuais a esse medo, mas também o modo como são retomadas nas respostas da arquitetura.

Teresa Sá